

Urbana Pereira Bendinha

Universidade de Aveiro

Algumas reflexões sobre o ensino de PLE a sinófonos

RESUMO

Partindo de uma breve apresentação do Mandarim, propomo-nos fazer uma análise de textos escritos produzidos por sinófonos aprendentes do Português Língua Estrangeira.

Trata-se de jovens universitários que já conhecem pelo menos uma língua indo-europeia, na maioria dos casos o Inglês, o que tem um papel facilitador na aprendizagem.

A análise abordará aspectos diversos como: problemas do domínio da Fonética (embora sejam textos escritos é possível detectar algumas dificuldades), morfológicos (nomeadamente a flexão em género e a conjugação verbal), sintácticos (a ordem dos elementos na frase é também diversa do português, embora se trate de uma língua SVO) além de problemas que provêm da distância cultural e de práticas sociais.

ABSTRACT

In this paper we propose a quick survey of the Mandarin language and an analysis of written texts produced by Chinese students learning Portuguese as a foreign language (PLE)). This analysis includes orthographic, morphological, syntactical and pragmatical problems.

Algumas reflexões sobre o ensino de PLE a sinófonos

I. Generalidades sobre a “Língua Chinesa”

Ao abordarmos a problemática do ensino de PLE a sinófonos pensamos ser útil fazer uma breve apresentação da Língua Chinesa ou melhor, num primeiro momento, das línguas faladas na China:

Mandarim (língua nacional da República Popular da China e de Taiwan):70%

Wu : 7,5%

Xiang : 3,5%

Gan : 2%

Hakka: 2,5%

Min Nan (e.g., Taiwanês): 2,5%

Min Pei (e.g., Fuzhou): 1,2%

Yue (e. g., Cantonês): 4,5% (1)

Considera-se no entanto que “o Mandarim é a Língua Chinesa standard em três regiões: Taiwan, República Popular da China e Singapura. O Mandarim é oficialmente chamado *Putonghua* (Língua Comum) na República Popular da China, *Guoyu* (Língua Nacional) em Taiwan e *Hwayu* (Língua Chinesa) em Singapura (2).

“Actualmente vigoram dois tipos de escrita: uma logográfica (*báihuà*) e uma outra alfabética (*pinyin*) adoptada em 1957 e usada com fins pedagógicos, ambas baseadas no Putonghua” (3).

Devem ser apontadas algumas características comuns a todas as variedades do chinês: “a nível sintáctico, uma língua SVO, com anteposição sistemática do adjectivo ao nome, à semelhança do inglês. A nível morfológico e morfo-sintáctico é uma língua fundamentalmente isolante ou analítica, ao mesmo tempo que monomorfemática, o que equivale a dizer que palavra e morfema são termos quase sinónimos. (...) O chinês clássico era praticamente monossilábico; cada palavra era constituída por uma única sílaba e representada, na maior parte dos casos, por um único carácter. Com o passar do tempo, muitas sílabas foram ficando cada vez menos diferenciadas até se tornarem homónimas; então, como mecanismo compensatório, formaram-se muitas palavras de duas ou mais sílabas “(4).

Muito importante ainda é o facto de ser uma língua tonal “ no cantonês os caracteres podem ter 9 tons e no dialecto Wu, 7 ou 8. Mas no mandarim só há 4 tons, com 5 graus de intensidade (alto, semi-alto, meio, semi-baixo e baixo) além do carácter ou sílaba átona. O tom de cada carácter é inconfundível. Caso confundido, altera-se o significado. Por exemplo, a sílaba básica “ma” do mandarim tem 4 tons: no sentido de “mãe” é com tom alto e o sinal de “ma”; no sentido de “linho” é com o tom de subida (de meio a alto) e o sinal de “má”; no sentido de “cavalo” é com o tom de descida-subida (primeiro de semi-baixo a baixo e logo depois de baixo a semi-alto) e o sinal de “ma”; no sentido de “xingar” é com o tom de descida (de alto a baixo) e o sinal de “mà”. Além disso, o carácter com o som de “ma” átono pode funcionar com um termo de forma acrescentado no fim duma oração em sinal de interrogação.”(5)

Ou seja, quando um chinês ouve uma palavra dita com entoações diferentes frequentemente imagina que se trata de várias palavras diferentes !

II. Culturas de aprendizagem

Pensamos que o conhecimento quer das atitudes em relação à aprendizagem duma língua, particularmente no que diz respeito às motivações, quer das representações em relação à língua em questão são dados fundamentais para uma optimização do próprio processo da aprendizagem.

“No delinear de programas e estratégias, bem como na formação de professores e na orientação de recursos, há que pensar nas intenções e expectativas dos diferentes intervenientes no processo de ensino / aprendizagem da língua, tendo presente a interacção humana em que esse processo se desenvolve “(6).

É que “O conhecimento das *culturas de aprendizagem* afigura-se indispensável à implementação de uma política de ensino da língua que não ponha em causa toda uma experiência de aprendizagem(...) O universo de ensino não é estático e as *culturas de aprendizagem*, produtos de tradições educativas e influências sociais, são também permeáveis a factores de mudança. A atitude para com a aprendizagem de uma língua estrangeira, os estilos preferenciais de ensino, as estratégias individuais, os modelos de interacção não são imutáveis e podem, portanto, enunciar-se de um modo diferente se sujeitos a novas influências, internas e externas, geradoras de produtos que validem a mudança .”(7)

Pensamos ser fundamental referir que há uma grande diferença a nível das culturas de aprendizagem dos dois países: “a grande importância atribuída à imitação dos modelos anteriores e a complexidade dos próprios caracteres originam uma tradição de memorização nos alunos chineses. (...) Para ensinar um determinado carácter, o professor começa por explicar o seu significado e a sua maneira de pronunciar. As crianças lêem em conjunto, olhando para esse carácter para o fixar na memória. Depois, o professor ensina a escrevê-lo, exemplificando no quadro, e as crianças imitam no seu caderno até conseguirem escrever. Em casa, copiam dezenas de vezes para o memorizar.” (8)

Cláudia Ribeiro, que viveu e estudou na China, relata-nos o exemplo de uma criança que conheceu:

“(...) Aos dois anos de idade Xiao Ming decorara todos os algarismos, bastantes caracteres e uma multidão de cantigas e adivinhas, assim como dois ou três poemas de Li Bao e Du Fu e pequenos extractos de óperas chinesas.”(9)

Os métodos usados para a língua materna não são diferentes daqueles que são usados para as línguas estrangeiras. Assim, num livro de contos recente, um professor, neste caso de inglês, primeira língua estrangeira, diz a um aluno:

“ –Todos os teus colegas repetem o texto da gravação pelo menos duas horas por dia (...)”(10)

E este aluno confia-nos mais adiante:

“A pouco e pouco tornei-me um aluno aplicado. Levantava-me todos os dias às 4.30 da manhã e punha-me às voltas pelos corredores e átrios da escola (fazia demasiado frio para ir para a rua), lendo as lições em voz alta e memorizando vocabulário, expressões idiomáticas, termos e estruturas sintácticas. Alguns caloiros levantavam-se ainda mais cedo do que eu. Outros, para poupar tempo, passavam a noite nas salas de aula, limitando-se a dormir três ou quatro horas, completamente vestidos, nos grandes estrados em frente dos quadros de ardósia. Regressavam aos dormitórios noite sim, noite não. “ (11)

Este relato foi feito na primeira pessoa por um escritor nascido em 1956; perguntámos a jovens chineses se algo de semelhante teria sido vivido por eles; que responderam-nos afirmativamente, considerando estas práticas correntes e absolutamente normais.

III. Práticas culturais

Em relação às práticas culturais, como todos sabemos bastantes diversas entre os dois países, gostaríamos de dar um único exemplo que consideramos bem elucidativo: “Em português, quando se lança a pergunta “Este livro não é interessante ?” , as respostas devem ser “Sim, é interessante” ou “Não, não é interessante”. Mas em chinês, a maneira de responder é diferente. Se o interlocutor acha que o livro é interessante, ele responde primeiro “Não”, em sinal de negar a pergunta do outro. Assim, em chinês as respostas devem ser “Sim, não é interessante” ou “Não, é interessante”. (12)

IV. Análise de produções de sinófonos aprendentes de PLE

Propomo-nos agora fazer uma pequena apresentação de produções escritas de sinófonos aprendentes de PLE recolhidas em Aveiro nos anos 2000 e 2001.

Trata-se de jovens universitários que já conhecem pelo menos uma língua indo-europeia, na maioria dos casos o inglês, o que tem um papel facilitador na aprendizagem.

Neste mesmo número de *Cadernos de PLE* é-nos apresentada uma panorâmica do ensino da língua portuguesa na China (artigo de Wang Suo Ying “A Língua Portuguesa na China”) em que a autora traça uma panorâmica das “Dificuldades dos chineses na aprendizagem da língua portuguesa”; ora as dificuldades, quer se esteja na China quer se esteja em Portugal, pese embora a situação de imersão neste último caso, não são muito diferentes.

Assim, utilizaremos alguns dos parâmetros referidos no referido artigo para situar os exemplos que obtivemos, tendo em seguida considerado alguns outros que nos pareceram necessários.

Devemos sublinhar que por vezes o mesmo exemplo é referido em vários dos parâmetros considerados já que, a nosso ver, ilustra vários problemas simultaneamente.

Dificuldades na fonética

Tal como nos é explicado no referido artigo, alguns falantes chineses têm dificuldades com a oposição *t/d*:

Apresentatos (por *apresentados*)

Obrigatíssima (por *obrigadíssima*)

Quanto vem à Universidade (por *quando vem à Universidade*)

Estuto (por *estudo*)

Mantei-lhe (por *mandei-lhe*)

Doudora (por *doutora*)

Cumprimendos (por *cumprimentos*)

Dificuldades na gramática

1. Conjugação

São várias as dificuldades a nível da conjugação verbal:

1. constatamos alguma dificuldade no uso das **desinências**., particularmente com a 1ª. pessoa do plural:

Combinar-nos

Sejão

quando é que encontrar-nos

2. observamos que em alguns casos não é utilizado o **presente do conjuntivo** (substituído ora pelo presente do indicativo, ora pelo infinitivo, ou mesmo por uma forma anómala):

Acho que é melhor que eu vou...e levar...

*tinha receios que não **consige** explicar bem*

3. verificamos pequenas dificuldades em relação ao uso do **infinitivo** e do infinitivo perfeito impessoal (substituídos pelo pretérito perfeito simples):

*É um prazer para mim **consegui***

*apesar de **tive** dificuldade*

4. surge-nos um caso relativo ao uso do **imperfeito do indicativo** (substituído pelo pretérito perfeito simples):

*O ambiente **cheirou** de uvas*

5. notamos alguma dificuldade no uso do **pretérito perfeito composto** que sabemos ser necessário devido aos respectivos contextos (substituído pelo pretérito perfeito simples ou ainda pelo imperfeito do conjuntivo):

*espero que **correram** bem*

*espero que o feriado **corresse-lhe** bem*

6. temos um caso de “**duplo futuro**” por assim dizer:

Vou encontrá-la-ei amanhã

7. temos enfim problemas no uso do **futuro do conjuntivo**, exigido pelos respectivos contextos (substituído quer pelo presente do indicativo quer pelo presente do conjuntivo ou ainda pelo imperfeito do conjuntivo):

*Se eu **porta-me** mau*

*Que bom ver eles **conversam, tomam, fazem***

*Se **seja** possível*

*vou dizer-lhe quando **possa** ler*

*se **haja** imprevisto*

*se **tenham** interesse*

*se não **seja** possível apesar de vez em quando **vou** à biblioteca*

2. Flexão em género e número

De realçar que, como se verá pelos exemplos, os problemas de flexão que nos aparecem são geralmente em género e não em número, talvez devido ao já referido papel facilitador do Inglês.

1. Temos casos relacionados com o sexo das pessoas referidas:

*Um **professora***

*A casa **delas***(pelo contexto sabemos que seria o masculino o esperado)

*O marido **dele***

*Sou **um** chato* (pelo contexto sabemos que o feminino seria de esperar)

*Esse **rapariga***

*As **chineses***

2. Temos todos os outros casos, porventura os mais difíceis, em que não é possível estabelecer uma relação entre a realidade e o género gramatical:

*Com **muito** alegria*

*Cada **função** específico*

Ferramentas

*Alguns **árvores***

*Um **catedral**, no **catedral***

*Um **terma** famosa*(aqui temos além da flexão em género, o único exemplo de flexão em número)

*Esse **aldeia**, **um** inesquecível **aldeia***

*Esse **castanho*** (trata-se do fruto *castanha*)

*O **primeiro** coisa*

Na Sexta-feira passado, o próximo 4º feira

O história

Um composição

O seu resposta

Outro palavra

O possibilidade

Na vez passado

Solta o muralha

Haverá uma seminária

Este manhã

Pelo sua informação

Pelos 11h

Este epoca

Pelo seu sugestão

Pelos 16:30

Todos os regiões

Que país é a sua favorita ?

3. Caso dos pronomes pessoais

Temos alguns casos problemáticos a nível dos pronomes pessoais complemento directo e indirecto:

*Que bom ver **eles** conversarem*

Esqueci que dizer-lhe (neste caso trata-se da omissão do pronome pessoal)

*Achar-**os** útil*

*Que tenho de **se** dirigir (trata-se da primeira pessoa do singular)*

4. Regência

É um ponto de alguma dificuldade para os nossos alunos, nomeadamente no que toca às regências verbais.

1. regências verbais com a preposição **a**

Acho este site muito graça

Mostrei os alunos(o contexto impõe-nos esta interpretação)

Assistiu-o (o contexto impõe-nos esta interpretação)

Pedi os m... preencher

E qual departamento ou instituto que tenho de se dirigir

3. regências verbais com a preposição **de:**

Tenciono de passar

Gosto imenso os partes

Não conhecia deste livro

Fico à espera a resposta sua

Sinto-me muito de dizer à outro tempo (por aproximadamente sinto muito dizer-lhe que fica para outra vez)

Tinha receios que não consiga explicar

Espero que o goste

Espero que possa o compreender adoraria de falar consigo

Gostaria aproveitar

4. regências verbais com a preposição **para:**

Ele pediu-me dar-lhe cumprimentos

5. conjugação reflexa:

Equeci que dizer-lhe

Para além destes parâmetros, referidos no artigo em questão, gostaríamos de acrescentar alguns mais que nos parecem úteis:

5. Ortografia

Sabemos que o domínio da ortografia é um domínio espinhoso, tanto mais se pensarmos na diferença de sistemas gráficos entre os dois sistemas linguísticos em confronto. De realçar que em Mandarim não há obviamente maiúsculas nem minúsculas e pensamos que devemos uma vez mais ao Inglês uma influência positiva já que não encontramos problemas a este nível. Também o facto de não haver ligação gráfica entre os caracteres em Mandarim faria esperar, se houvesse aprendizagem directa, alguma dificuldade que não observamos.

A nível ortográfico encontramos casos como:

Ambus

Cade (por *cada*)

Enter (por *entre*)

Escerver

Obviamente, preferívelment

Sábodo

Artesantos(por *artesanatos*)

Bacalau

Castanho(por *castanha*)

Mihos(por *milhos*)

Convinente

Prómixa

Equeci

Beijhno

Nest (por *neste*)

Apeifeiçoar

Interess

Totolotto

Saramango

Assistent

Braco, braço (por *abraço*, necessário pelo contexto)

Solta o muralha (trata-se do título de uma emissão que passou na televisão portuguesa “Saltar a Muralha” referente aos chineses em Portugal)

Informão

Queirda

Seixa-feira

Portugual

Tina (por *tinha*)

Grand sohno

Journal

Calar (por *calhar*)

Comprimisso (por *compromisso*)

Tehno (por *tenho*)

Ainda dentro desta rubrica devemos incluir os problemas respeitantes aos **sinais gráficos**, omissos ou indevidamente colocados:

La fora

Medicos

duvida

Preferívelment

Composiçao

Amanha

Naõ precisa

Enderecos

Historia

Secretária (por *secretaria*)

Epoca

6. Omissão/Acrecento de palavras

Há alguns casos, pouco frequentes, de omissão de palavras na frase:

Eu também nunca ouvi o escritor (por *Eu também nunca ouvi **falar** do escritor*)

Ouvimos nada

Temos no entanto frequentes casos de omissão do **artigo**, sobretudo definido, talvez explicável pela sua inexistência em Mandarim:

Ver lua

Sobre China

Um livro sob China

Como China tem grande...

Habitação não é fácil para os chineses comuns

Preparámos jantar juntos

*Cade tem...(por cada **um** tem)*

Registam-se igualmente casos de omissão/acrescento/uso impróprio de **preposições**, algumas vezes contraídas com os artigos:

1. preposição **em**

As pessoas no Taiwan

*À Domingo (por **No** Domingo)*

Ele trabalha uma universidade

2. preposição **por:**

Obrigada pelo tudo

As cartas enviadas pelo si

Pelo os professores

Sinto muito para desperdicar

3. preposição **de:**

Quando nos encontrarmos à próxima vez

*Ao contrário **com** maneira chinesa*

Fico a espera o seu resposta

Uvas todos os partes

*À este modo (por **deste** modo)*

4. preposição **a:**

Já fui alguns provincias

Bacalau Gomes de Sá

Ate próxima

Vai estar lá esta hora

Estou espera

Até próxima

*Feijão verde **com** maneira chinesa*

Estou disponível qualquer hora

5. preposição **com**:

Fiquei um pouco saudades dele

7. Ordem das palavras

Também a ordem das palavras é por vezes fonte de dificuldade:

Ela tem uma casa lá

Fazemos algumas compras lá

Um inesquecível aldeia

Um composição pequeno

Quando nós encontrámo-nos

Há áreas que parecem-me ...

Não posso a encontrar

Não conheço a nossa universidade bem

Gosto dele muito

Teve o feriado bom ?

8. Influência do Inglês

O facto destes aprendentes terem conhecimento do inglês, se, como já foi referido, tem um papel facilitador na aprendizagem, é também por vezes um factor um pouco perturbador da aprendizagem do PLE já que encontramos dessa outra língua alguns vestígios:

Duas semanas atrás (Two weeks ago)

Espero que você pode...(I hope you can ...)

Introduzir (introduce, por apresentar)

Programme

Faladors(caso híbrido por falantes, influência de speakers ?)

Errors

Or

Laureate do Nobel

August

sugestão

V. Algumas propostas concretas para as aulas de PLE

Antes de terminarmos, gostaríamos ainda de dar algumas sugestões ao docente de PLE a sinófonos: talvez fosse interessante explicar a imagem que os portugueses têm da dificuldade da “língua chinesa” – quem nunca disse “Isso para mim é chinês”? – ou da miragem económica da China patente na expressão “Negócios da China”...

De referir também que “o **primeiro dicionário que incluiu chinês e uma língua europeia** foi elaborado por uma equipa de portugueses e chineses com a participação do padre jesuíta Ruggiero e de um macaense luso-chinês chamado Sebastião Fernandes ou Tchong –Ming-Jem.”(13)

Igualmente de realçar a existência em Lisboa de um museu dedicado à história de Macau e à arte chinesa, o **Museu do Centro Científico e Cultural de Macau** que fica na Rua da Junqueira, nº 30, 1300-343 Lisboa com o telefone 21.361.92.56 que tem uma home page: www.citi.pt/cccm/index.html, onde poderão ir e levar os amigos de outras nacionalidades...

Outra sugestão será a de fazer uma comparação das festas e feriados na China e em Portugal, por exemplo o **Ano Novo Chinês** que surge um pouco mais tarde do que o Natal e que constitui a festa mais importante do ano (podemos comparar os *jiao zi*; comidos nesta época na China, com o bacalhau e o peru frequentemente comidos no Natal em Portugal); a **Festa do Meio do Outono** com os seus *yue bing*, os bolinhos de lua (14) aproximadamente na época em que nós comemos castanhas e provamos o vinho novo ou ainda a **Festa do Barco do Dragão** com os típicos *zhong zi* que não fica longe da nossa Páscoa com as amêndoas e o pão-de-ló...a troca de receitas destas especialidades parece-nos enriquecedora para todos... Cartões alusivos a estas datas festivas nos dois países podem ser imaginados com grande gosto.

Também os respectivos feriados nacionais, o 1º de Outubro com a **implantação da República** em 1949 (curiosamente próximo no calendário com a implantação da República em Portugal, quase meio século antes) ou, por exemplo o **dia dos namorados** comemorado na China em memória dos amados separados, Liu Lang e Zhi Nü (15).

Comemorações comuns como o dia 8 de Março e o dia 1 de Maio podem também ser lembradas...

Duas pequenas recomendações que constituem exemplos de pontos difíceis pela diferença das duas línguas: os **numerais** – na China a base é 10.000 e não 1.000 como para nós, é sempre melhor escrever um número do que só dizê-lo – e os **dias da semana**, em Mandarim a nossa Segunda Feira é muito logicamente “Primeira Feira”...

Por fim gostaria de terminar com uma referência aos **nomes** dos nossos amigos chineses: é que o nome de família antecede sempre o nome próprio seguindo a óptica de que o colectivo antecede sempre o individual (por exemplo numa morada começa-se pelo país, seguido do distrito, da rua e do número da porta e só no fim vem o nome do destinatário), ou seja se vir o nome XYZ o X representa o nome de família (o nome da família do pai, os chineses não têm nome da família da mãe) o Y e o Z os nomes próprios.

No entanto, nome que funciona como nome de família para um indivíduo poderá constituir o nome próprio de outro, cuidado com as generalizações abusivas ! Além disso não é possível, através do nome próprio, identificar o sexo da pessoa apesar de haver algumas pistas: nomes de flores para as meninas, nomes como Vitória ou Glória, mais ligados às actividades bélicas, para os meninos...

A forma habitual de tratar um chinês é Xiao (que significa “jovem”) mais o nome de família se tiver até aproximadamente 40 anos, a partir dessa idade será Lao (que significa “velho” e que é uma honra) mais o nome de família. Nas primeiras aulas se chamar assim os seus alunos talvez faça com que eles se sintam um pouco mais à vontade...

Além disso é frequente os chineses que vivem num país escolherem um nome próprio local para si mesmos, nome esse que usarão oficiosamente, claro, nesse país – conheço assim por exemplo um João, um Tiago, uma Celina chineses; que tal se o professor de PLE pedir aos seus alunos que o ajudem a escolher um nome chinês ?

Notas:

- (1) Ji-Mei CHANG, “Language and Literacy in Chinese American Communities” in Bertha PÉREZ (ed.); Sociocultural Contexts of Language and Literacy, Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, New Jersey, 1998, p. 165.(a tradução é nossa)
- (2) CHANG ,1998, p.166. .(a tradução é nossa)
- (3) J. LÉON ACOSTA e Isabel LEIRIA, “O Papel dos Conhecimentos Prévios na Aquisição de uma Língua Não-Materna”, in Polifonia, Lisboa, Edições Colibri, nº. 1, 1997, p. 63.
- (4) LÉON ACOSTA e LEIRIA, 1997, p. 64.
- (5) Suo Ying WANG, O Português para um Chinês / Abordagem simultânea sobre os métodos de ensinar português a chineses, Edição Instituto Rainha D. Leonor, 1991, p.29
- (6) Maria Helena RODRIGUES, Variáveis Contextuais da Aprendizagem da Língua Portuguesa por Aprendentes Chineses, Tese de Mestrado, Macau, 1998, p. 152.
- (7) RODRIGUES, 1998, pp. 152-153.
- (8) Cheok LEONG, “Utilização da Linguística Contrastiva na Aprendizagem do Português por Alunos Chineses em Macau” in Actas do VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Macau 1998, p. 398.
- (9) Cláudia RIBEIRO, No Dorso do Dragão/ Aventuras e Desventuras de uma Portuguesa na China, Publicações Europa-América, Lisboa, 2001, p. 50:
- (10) HÁ Jin, O Noivo, Gradiva, Lisboa, 2001, p. 142.
- (11) HÁ, 2001, p. 144.
- (12) WANG, 1991, p.50.

- (13) Ana Maria MAGALHÃES e Isabel ALÇADA, Macau e a China em Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa, 1999, p. 26
- (14) Ver, por exemplo, Clio WHITTAKER (coord.), Introdução à Mitologia Oriental, Editorial Estampa, Lisboa, 2000, p. 29.
- (15) WHITTAKER, 2000, p. 32.